

## O cronista *costumbrista* e o engenheiro romântico: estilo literário nos escritos de viagem patagônicos de Roberto Payró (1898) e nos amazônicos de Euclides da Cunha (1906-1909)

José Bento de Oliveira Camassa<sup>53</sup>

**Resumo:** Este texto compara os recursos literários presentes em dois relatos de viagem da *Belle Époque* latino-americana: um, do literato argentino Roberto Payró sobre a Patagônia, para onde viajou em 1898 como repórter do jornal portenho *La Nación*; outro, de Euclides da Cunha sobre a Amazônia, onde chefiou em 1905 uma expedição do Itamaraty pelo Rio Purus, no Acre. Ambas as regiões se encontravam sob litígios fronteiriços e incipientes processos de ocupação territorial. Embora haja em comum uma perspectiva cientificista e um ímpeto de denúncia social, verifica-se considerável diferença estilística entre os textos dos dois escritores. Payró, escrevendo na forma de crônica e com narração em primeira pessoa, faz farto uso de historietas (bem ao gosto *costumbrista*) para entreter o público-leitor do *La Nación* e persuadi-lo de suas opiniões políticas sobre a Patagônia. Já nos escritos amazônicos de Euclides, sob tom mais solene e linguagem mais rebuscada, nota-se um amálgama (já visto n'Os *Sertões*) entre Romantismo e Determinismo, mescla que unia as inspirações literárias e as pretensões científicas do autor.

**Palavras-chave:** Relatos de viagem; Euclides da Cunha; Roberto Jorge Payró.

Este trabalho tratará de dois relatos de viagem da *Belle Époque* sul-americana. De um lado, *La Australia argentina* (PAYRÓ, 1898), do jornalista e escritor argentino Roberto Jorge Payró (1867-1928) a respeito da viagem que fez como repórter do jornal portenho *La Nación* pelo litoral da Patagônia argentina em 1898. De outro lado, os escritos de Euclides da Cunha (1866-1909) formulados a partir de sua viagem para a Amazônia (1904-1906), como chefe de uma expedição oficial organizada pelo Itamaraty pelo Rio Purus, no Acre. Ambas as regiões se

53 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP)

encontravam em meio a disputas fronteiriças e a processos de ocupação territorial por parte dos Estados nacionais argentino e brasileiro.

Cunha e Payró enfrentaram questões similares em seus escritos de viagem sobre as extremidades de seus países e comungaram do ideário cientificista de fim de século. Pretendemos discutir como, a despeito dessas significativas proximidades entre os dois autores, eles imprimiram estilos muito distintos entre si nas representações traçadas sobre as áreas a que se destinaram.

### **O contexto das viagens: delimitação de fronteiras e ocupação territorial**

Até meados da década de 1880, partes dos Pampas, a Patagônia e a Terra do Fogo ainda não estavam integradas ao Estado nacional argentino, havendo uma “fronteira interna” entre Buenos Aires e essas regiões austrais<sup>54</sup>. A incorporação de tais áreas só se deu pela “Conquista do Deserto” (1878-1885), série de ofensivas militares que promoveu o extermínio, a dispersão e o desmantelamento das sociedades indígenas e mestiças locais (PASSETTI, 2012; POMPEU, 2012).

Alguns anos depois de conquistada, a partir de 1896, a Patagônia recobrou sua importância política em função do reaquecimento de antigas desavenças fronteiriças entre Chile e Argentina sobre a região (POMPEU, 2012, p. 136). Foram acionadas uma comissão de limites argentina e outra chilena para a realização de novas mensurações territoriais, para dirimir o conflito, que também contou com arbitragem britânica. Foi nessa conjuntura em que o *La Nación* enviou Payró à Patagônia, em 1898, para escrever crônicas sobre a realidade política, social e econômica da região, que viriam a compor o livro *La Australia argentina* (PAYRÓ, 1898). Mesmo que suas matérias não se concentrassem no conflito diplomático, a longínqua região voltara a ser pauta do dia.

54 Desde meados do século XIX, as elites rio-platenses, capitaneadas por intelectuais e políticos como Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, propuseram-se a missão política de “civilizar” tais regiões, classificadas como desiertos (HALPERÍN DONGHI, 2005). Essa qualificação expressava a percepção eurocêntrica de que tais áreas geográficas seriam indômitas e desprovidas de populações e culturas alegadamente “civilizadas” (POMPEU, 2012, p. 89). Além disso, essas áreas representavam uma possibilidade de expansão para a próspera pecuária argentina, que dilatava sua participação no comércio internacional (Ibidem, p. 164). Também vale destacar que a contenção de investidas militares indígenas nas proximidades da “fronteira interna” foi outro objetivo que motivou as ofensivas argentinas da “Conquista do Deserto”.

Por sua vez, Euclides da Cunha foi à Amazônia como integrante de uma Comissão do Itamaraty para a região, mais especificamente para o Acre. O contexto era análogo ao de Payró. Em meio ao apogeu da borracha – *commodity* da qual o Brasil era um dos maiores exportadores mundiais (WEINSTEIN, 1993) –, áreas seringueiras amazônicas, como o Acre, geraram confrontos diplomáticos no decênio de 1900. Tendo acordado o Tratado de Petrópolis junto à Bolívia em 1903, o Brasil se viu em um novo litígio acreano, desta vez com o Peru, entre 1904 e 1905. Foi justamente esse conflito que motivou a criação de uma Comissão Mista Brasileiro-Peruana para o Alto Purus, com vistas à delimitação dos limites territoriais de cada país, Comissão na qual Euclides viria a atuar como chefe da representação brasileira, em 1905<sup>55</sup>. A partir de suas observações na viagem amazônica, Cunha escreveu um relatório para o Itamaraty sobre os aspectos naturais e sociais da área percorrida e também ensaios reunidos no livro póstumo *À margem da História* (CUNHA, 2005).

### **Roberto Payró e Euclides da Cunha: dois “viajantes intelectuais”**

Além das similaridades entre os destinos – duas *hinterlands* de seus países – e as circunstâncias geopolíticas de seus deslocamentos, há outro significativo ponto de contato entre Euclides e Payró. Para ambos, as viagens não eram apenas um ganha-pão. Eram também oportunidades privilegiadas, tanto para o estudo sobre seus países como para a proposta de intervenção política, visando à transformação das realidades nacionais. Cunha e Payró se viam como “viajantes

55 Cunha partiu do Rio de Janeiro em 13 de dezembro de 1904 e chegou a Manaus no dia 30 daquele mês. Por atrasos nos preparativos da viagem, a expedição ao Rio Purus se iniciou em abril de 1905, retornando a Manaus em outubro daquele ano. Euclides ainda cumpriria tarefas burocráticas na capital amazonense e só retornaria à então capital federal em 5 de janeiro de 1906 (FOOT HARDMAN, 2009).

intelectuais”<sup>56</sup> e procuraram estrategicamente, à época, firmar essa posição nos círculos intelectuais de suas nações.

Reputado como “repórter modelo” por muitos de seus colegas, Payró se firmou como jornalista no *La Nación*, durante a década de 1890 (VALKO, 2008, p. 28). Atuando como correspondente, era frequentemente enviado ao interior da província de Buenos Aires, a outras províncias e ao litoral para escrever crônicas sobre as disputas políticas e as mazelas sociais e econômicas locais. Viajou ao Sul da província de Buenos Aires em 1894 e também ao Chile, em 1895. Com esse perfil especializado dentro do Jornalismo – nicho que já lhe havia rendido reconhecimento profissional e certo êxito editorial –, Payró projetou uma carreira literária para além da imprensa (BUONUOME, 2017, p. 169).

Euclides da Cunha, por seu turno, embora fosse engenheiro e militar de formação, teve como divisor de águas de sua trajetória intelectual uma viagem jornalística: a cobertura da fase final do conflito de Canudos (1896-1897), no interior da Bahia, para o jornal *O Estado de S.Paulo*. Considerada sua maior obra, *Os Sertões* (CUNHA, 2016), livro de Cunha elaborado a partir de sua experiência em Canudos, foi publicado em 1902. A partir da recepção extremamente positiva que a crítica conferiu à obra, o escritor ascendeu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) logo no ano seguinte ao do lançamento do livro e à Academia Brasileira de Letras, em 1906.

### **Diagnósticos convergentes, estilos divergentes**

Ao rumarem para o extremo Norte do Brasil e o extremo Sul da Argentina, Cunha e Payró levavam na bagagem questões em comum. Como viviam as populações dessas regiões recém-incorporadas por seus países e distantes de suas

56 Paul Groussac, importante intelectual franco-argentino finissecular, concebia a “viagem intelectual” – título de um texto de sua autoria, aliás – como uma forma legítima e fértil de estudo (COLOMBI, 2004, p. 72). Nessa concepção, o viajante-escritor teria uma postura ativa e independente para definir seus itinerários e fruir o local visitado, não se limitando aos pontos turísticos. Sua viagem, por proporcionar o contato com realidades outras, seria um estímulo para a investigação e produção intelectual. Como mostra o trabalho de Beatriz Colombi, professora de Literatura Latino-Americana da Universidade de Buenos Aires, a “viagem intelectual” – a que também poderíamos chamar de “viagem ensaística” – gozou de grande prestígio nos círculos literários hispano-americanos entre os decênios de 1890 e 1910. Tal forma de viagem conferiu uma considerável autoridade discursiva à figura do intelectual-viajante, que passou a ocupar um espaço de destaque na imprensa hispano-americana (Ibidem, pp. 13-17).

capitais nacionais? Como era a atuação dos poderes públicos nessas localidades? Que potenciais econômicos essas áreas ofereciam? Que medidas deveriam ser nelas executadas?

Os diagnósticos que os autores fazem sobre a Amazônia e sobre a Patagônia apresentam muitas afinidades. A princípio, as regiões se apresentaram para ambos os viajantes como territórios indômitos, na medida em que ofereciam imensas dificuldades para a implantação de uma civilização moderna nos moldes metropolitanos do Rio de Janeiro, de Buenos Aires e das capitais europeias. Assim, em diversos momentos, os autores registram um estranhamento quase que inevitável em relação a esses rincões e os compreendem na chave de uma profunda alteridade (HARTOG, 1999).

Porém, a partir de uma investigação mais detida sobre essas realidades locais, os viajantes passaram a rebater as visões mais negativas sobre as regiões, que eram frequentemente representadas como “terras malditas”. Eles elencaram os potenciais econômicos e civilizacionais por elas oferecidas: possibilidades de maior ocupação demográfica, de maior integração territorial, de fomento à agricultura e de melhor aproveitamento de recursos naturais. (ANDERMANN, 2000; FOOT HARDMAN, 2009). Desvendadas tais potencialidades, Payró e Cunha fizeram uma vigorosa defesa das plenas possibilidades de se fomentar uma civilização moderna na Patagônia e na Amazônia, desde que bem adaptada às condições geográficas locais.

Essas possibilidades ainda não estavam se concretizando, apontaram os autores, não pelos caracteres inatos das regiões em si. Mas, em função de óbices de natureza política, econômica e social – muitos dos quais de responsabilidade dos governos centrais de suas nações. Seriam tais os obstáculos a dificultar o florescimento de uma civilização moderna naqueles espaços. Esses fatores também seriam responsáveis pela continuada presença de fenômenos e aspectos sociais denunciados tanto por Payró no Sul argentino como por Euclides na Amazônia acreana: a penúria material, a exploração de trabalhadores, a violência contra indígenas, a concentração fundiária, o isolamento viário, a precariedade tecnológica e a irracionalidade na gestão econômica.

Payró e Cunha, portanto, não só se dirigiram numa mesma época para regiões que dispunham de posições política, social e territorial analogamente periféricas em seus países. Os autores também fizeram diagnósticos, em muitos aspectos, coincidentes. Essas substanciais semelhanças não implicaram que os estilos empregados nos seus escritos de viagem fossem parecidos. As diferenças entre eles não se explicam apenas pelas idiosincrasias de cada um dos escritores. Elas também podem ser compreendidas em razão do fato os textos amazônicos de Euclides e os patagônicos de Payró terem circulado em contextos editoriais diferentes e pertencerem a gêneros literários distintos.

Payró escreveu crônicas, em formato de folhetim, para o *La Nación* a fim de serem publicadas no jornal com relativa brevidade – no mesmo ano em que sua viagem foi realizada, 1898 (SARLO, 1984). Em contraste, Euclides compôs, ao longo dos anos posteriores à sua expedição amazônica, ensaios propriamente ditos. Esses textos, esparsos, circundavam o plano da escrita de uma obra sobre a região da grande floresta equatorial. Tratava-se do plano de publicar um novo livro “vingador”, equivalente ao que fora *Os Sertões* para o semiárido baiano, só que para a Amazônia<sup>57</sup>. O projeto do grandioso livro, que se intitularia *Um paraíso perdido*, malogrou, entre outras razões, pela morte precoce de Cunha. Muitos dos ensaios amazônicos da obra póstuma *À margem da História* (CUNHA, 2005), de 1909, certamente integrariam ou serviriam de base para a empreitada (FOOT HARDMAN, 2009, pp. 54-55).

Ademais, o texto que Euclides escreveu e que foi publicado de maneira uma e breve – em 1906, ano seguinte ao término da expedição de reconhecimento do Alto Purus –, se distingue do perfil dos escritos de Payró. Diferentemente das crônicas que atingiriam um grande e diversificado público-leitor nas páginas do maior jornal argentino, o relato de Cunha, *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana* – também intitulado *O Rio Purus* –, destinou-se à burocracia do Ministério das Relações Exteriores brasileiro (CUNHA, 1995, p. 753). Era, pois, um escrito mais técnico e que integrava um relatório oficial produzido no bojo do Estado brasileiro.

57 Euclides da Cunha planejava que tal livro viesse a “vingar a Híloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII” (CUNHA apud GALVÃO; GALLOTTI, 1997, p. 266).

### **Roberto Payró, um cronista *costumbrista***

As crônicas de *La Australia argentina* tinham um claro propósito literário. Como ressalta Beatriz Sarlo (1984, p. XX), esse gênero jornalístico possuía diferentes funções discursivas, como instruir, informar, propor programas políticos, criticar a ação do governo, mas também entreter. Como literato e dramaturgo realista<sup>58</sup> e *costumbrista*<sup>59</sup>, Payró conferiu a suas crônicas patagônicas muitas passagens de teor anedótico ou romanesco. Relatados sempre pela primeira pessoa do singular, tais episódios se misturam com os registros informativos e as análises mais pormenorizadas do cronista.

Mesmo as informações e opiniões colhidas junto a administradores, moradores locais ou a marinheiros não são expressas diretamente. Payró as reveste literariamente. O escritor toma essas figuras como personagens literárias, as nomeia e representa seus diálogos com elas nas crônicas. Desse modo, o próprio autor se coloca como narrador-personagem, expressando seus juízos e percepções pessoais. Comenta, inclusive, os contratempos pelos quais passa com a alimentação no navio, procurando se aproximar do leitor e conquistar sua simpatia (PAYRÓ, 1898, p. 66, p. 263).

Payró não apenas é ciente dessa heterogeneidade estilística de suas crônicas, como também a aborda metalinguisticamente em distintos momentos. Por exemplo, quando adverte que relata deliberadamente uma história que parece ser

58 O crítico literário argentino Noé Jitrik considera que “[e]l realismo de Payró (...) se inscribe en la tentativa, que toma a fines de siglo en el país, de expresar situaciones reales nuevas. Concluida la experiencia naturalista, gastado este instrumento devastador, el realismo tradicional europeo del tipo Balzac o Pérez Galdós parece el medio más adecuado para dar cauce a nuevos proyectos literarios encarnados de nuevas capas sociales. Este tipo de realismo es sentido como lo más amplio y lo más flexible al mismo tiempo, capaz de filtrar la realidad y permitir la inflexión personal, lo más adecuado para la obtención de una palabra sana y enérgica, es decir moral, términos que son como claves de la misión que los escritores nuevos se proponen a cumplir” (JITRIK, 1971, p. 114).

59 Pode-se caracterizar o Costumbrismo como um procedimento artístico que consiste em uma “atención especial que se presta a la pintura de costumbres típicas de un país o región” (VERDEVOYE, 1994, p. 13) e que objetiva “pintar un pequeño cuadro colorista, en el que se refleja con donaire y soltura el modo de vida de una época, una costumbre popular o un tipo genérico representativo”. Em termos de argumento na literatura – ou de ação dramática, no Teatro –, “las descripciones costumbristas configuran secuencias transicionales, en las que la acción no avanza. Son intermedios o pausas de la acción central, en las que las acciones desarrolladas no se constituyen en desempeños relevantes del sujeto para alcanzar el objeto deseado” (MOGLIANI, 2006, p. 8). É o que vemos em *La Australia argentina*: embora o elemento unificador e central do conjunto das crônicas – posteriormente recolhidas em livro – seja o percurso de Payró pela Argentina austral, o autor procura colori-lo a partir da inserção de “causos”, descrições e eleição de tipos sociais locais da Patagônia. Embora figuras apareçam constantemente no texto de Payró e sejam fundamentais para o autor representar as regiões visitadas e corroborar seus juízos sobre elas, não costumam ser objeto de um escrutínio mais alongado por parte do jornalista.

exagerada para compensar a aridez do trecho imediatamente anterior do livro – uma erudita recapitulação cronológica das navegações do seiscentista Fernão de Magalhães (PAYRÓ, 1898, p. 130). Ou quando justifica o encurtamento de sua permanência em Ushuaia, argumentando que, embora nessa localidade pudesse obter mais dados da administração pública local, optaria por visitar o presídio da Isla de los Estados, porque esse seria um assunto menos conhecido e mais curioso para seu público-leitor (*Ibidem*, p. 303). Como argumenta Beatriz Sarlo, essa composição estilística – por vezes, tensa –, é reveladora das diferentes ambições do texto do jornalista (SARLO, 1984, p. XIX).

Por um lado, o autor queria dar lastro intelectual à análise e às propostas políticas que faz para a Patagônia – visto que o *La Nación* elegera a região como tema de relevo –, recorrendo à estatística como marca da objetividade prezada pelo jornalismo moderno<sup>60</sup>. Payró almejava destrinchar os potenciais econômicos e sociais de tal espaço geográfico, descortinando-o a partir de uma perspectiva teórica evolucionista, afim ao Socialismo reformista e gradualista que defendia (BUONUOME, 2017). O autor buscava, ainda, com a exposição de dados econômicos e informações científicas – por exemplo, climáticas –, agradar a uma parcela do público que, naquele fim de século, demandava uma linguagem mais direta e informativa (SARLO, 1984).

Por outro lado, contudo, o jornalista também visava a entreter o público-leitor com recursos narrativos literários, como diálogos saborosos, piadas, personagens que reaparecem de uma crônica a outra e elementos criadores de suspense entre um folhetim e o seguinte. Além de captarem a atenção do leitor, tais expedientes também indicam o desejo de Payró de conferir um *status* artístico a seus textos patagônicos. Com efeito, eles se diferenciam de meros textos noticiosos, de leitura mais rápida, cujo interesse e consumo seriam mais imediatos. Há, logo, uma tentativa de dar mais perenidade e reconhecimento literário ao texto. Como nota a hispanista estadunidense Jennifer Valko:

No obstante, aunque el texto exhibe técnicas narrativas variadas, no se detecta en *La australia argentina* el uso de lenguaje conciso. Es

60 Entre os usos de dados estatísticos na obra podemos apontar os relativos à balança comercial do Chubut, ao número de cabeças de gado nessa região patagônica e ao clima da Terra do Fogo (PAYRÓ, 1898).



precisamente la presencia de narraciones más extensas y de un lenguaje marcadamente poético lo que sirve para apelar a lectores más bien educados y pudientes, como los de *La Nación* (*Ibidem*, p. 39).

Essa conjunção entre análise e narrativa foi constatada por Bartolomé Mitre em uma carta-prólogo que abre *La Australia argentina*, na qual repreende o autor por justamente se alongar demais nas passagens narrativas (PAYRÓ, 1898, p. VI-VII). O ex-presidente argentino (1862-1868) e fundador do *La Nación* as considerou por vezes demasiado novelescas<sup>61</sup>. Todavia, na perspectiva de Payró, parece não haver incompatibilidade entre o episódico e a análise política mais elaborada. Pelo contrário, a primeira esfera potencializaria a segunda, tornando-a mais didática (ANDERMANN, 2000, p. 76).

Os diversos postulados de Payró sobre a Patagônia são sintetizados por meio de anedotas relatadas ou coletadas pelo autor. Elas são, assim, recursos expressivos para ilustrar e corroborar os pontos de vista defendidos pelo viajante. Exotismos como o fato de alguns povoadores patagônicos montarem em avestruzes, na ausência de equinos (PAYRÓ, 1898, pp. 90-91) e de terem bebido sangue de cavalo (*Ibidem*, pp. 33-34), na escassez de água potável, são narrados para ressaltar a precariedade material da Patagônia à época e pincelar uma “cor local” da região. Outro exemplo: o flerte entre um jovem argentino e uma britânica que Payró presencia no navio em que viajava serve de pretexto para o autor exaltar os imigrantes anglo-saxões na Patagônia e suas supostas virtudes morais protestantes, como engenhosidade e ânimo (*Ibidem*, pp. 80-84).

Nas palavras de Sarlo,

Payró ha aprendido, en las redacciones y en los viajes, que los enunciados ideológicos o políticos deben pagar el precio de la narración. Interesar para convencer al lector. Y es precisamente en sus crónicas donde esta puntuación de lo narrado y de las ideas (que tiene en su centro de atención al público) logra sus efectos más modernos periodísticamente y más convincentes desde el punto de la escritura (SARLO, 1984, p. XXI).

61 Esse empenho narrativo de Payró também parece estar relacionado ao fato de que tradicionalmente os relatos de viagem recorrem a abundantes descrições e narrações de episódios como importantes elementos de persuasão do público-leitor. Tal recurso almeja reforçar a verossimilhança do relato, corroborando a fidedignidade dos fatos apresentados pelo(a) viajante em seu texto (HARTOG, 1999; FRANCO, 2018, p. 24). Em termos linguísticos, procura-se criar enunciados com efeito de verdade.

### Euclides da Cunha, um engenheiro romântico

A obra de Euclides da Cunha é marcada por um estilo bem dissonante do empregado no relato patagônico de Payró. Trata-se de uma escrita avessa ao personalismo, ao coloquialismo, ao humor e ao anedótico<sup>62</sup>. Toda a obra euclidiana, de acordo com Nicolau Sevcenko, teria primado por uma obstinada elevação discursiva:

Preso ainda ao romantismo, que adotava a separação de estilos, e convertido também à estética animista de Spencer, ele revalidou a regra clássica, mantendo em todos os seus escritos o tom geral do estilo elevado. (...) Daí porque, também, não aparece em sua vasta obra nenhuma impressão de cenas de família, ou da rotina urbana, ou de hábitos e cerimônias burgueses, sendo que as cenas populares sertanejas, por exemplo, são rigorosamente referidas a conclusões históricas e científicas ou filosóficas. (SEVCENKO, 2003, p. 160)

Nos escritos amazônicos de Euclides há pouquíssimo espaço para a enunciação em primeira pessoa<sup>63</sup>. Essa forma de narração está presente apenas no plural no *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana* (CUNHA, 1995, pp. 752-810), ao se referir aos trabalhos empreendidos coletivamente por tal comissão. Menos terreno há ainda para o relato das amenidades e dos “causos” que tanto temperam *La Australia argentina*. À distinção de Payró, Euclides não se presta a enredar a experiência de sua viagem numa dimensão novelesca: se dedica a expor suas percepções e conclusões sobre a região que visitou, não se demorando nos meandros e percalços da viagem. Eles são apenas mencionados de maneira sintética na parte inicial do *Relatório*, que, de resto, mais se ocupa em averiguar os aspectos naturais e sociais da região do Alto Purus.

62 Segundo Nicolau Sevcenko, há em Cunha “uma aversão extrema à sátira e ao espírito de humor” (SEVCENKO, 2003, p. 160). Essa postura teria levado o engenheiro a afirmar peremptoriamente “eu não gracejo nunca!” e “não façam rir ninguém” (CUNHA apud Ibidem, idem).  
63 Por essa ausência de marcas de primeira pessoa e pelo fato de ter poucas menções diretas à viagem de Euclides pela região, os ensaios amazônicos de À margem da História (CUNHA, 2005) à primeira vista não parecem se configurar como relatos de viagem propriamente ditos. Há que se lembrar, não obstante, a fluidez e hibridismo dos relatos de viagem (FRANCO, 2018, pp. 75-97). Mesmo que o autor use nesses ensaios uma narração em terceira pessoa, com ambição de objetividade científica, as considerações neles presentes são resultado de uma clara experiência pessoal de observação do ambiente descrito – o amazônico e o acreano, em especial. Ou seja: um texto não precisa declará-lo com todas as letras para ser de fato um relato de viagem – ainda mais, quando pendente ao ensaísmo.

Tais observações, em oposição às de Payró, são expressas de maneira mais sistemática e definitiva. Se em *La Australia argentina* as impressões e teses do jornalista são diluídas nos folhetins e delineadas *pari passu* as experiências do viajante vão sendo relatadas, nos escritos amazônicos de Euclides, as formulações sobre a região são comunicadas de maneira mais densa e direta. Há menos espaço para o impressionismo e maior anseio de cientificidade. Cunha era, afinal, um engenheiro.

Tal como em *Os Sertões*, pretende-se formular afirmações globais e definitivas sobre a região visitada e sua população, avançando e atualizando o conhecimento científico construído sobre a Amazônia, em geral, e sobre o Acre, em particular. Para tanto, Euclides frequentemente coteja as mensurações que fez da região com as empreendidas pela literatura científica de então. O anseio de robustecer tal conhecimento científico fica especialmente claro no trecho em que se evocam os trabalhos de William Chandless (1829-1896), explorador inglês pioneiro no mapeamento de diversos rios amazônicos, como o Purus, na década de 1860:

Depois de W. Chandless, o único reconhecimento que se fez no ramo principal do Purus até as cabeceiras foi o da Comissão Mista Brasileiro-Peruana, de reconhecimento, sendo os seus resultados em grande cópia um complemento dos esforços daquele explorador (CUNHA, 1995, p. 789)<sup>64</sup>

Não significa, entretanto, que os escritos amazônicos de Euclides estejam desprovidos de elaboração artística, sendo de escopo estritamente científico. Como em sua grande obra sobre Canudos, Cunha pintou a Amazônia com cores fortes, vibrantes, dramáticas. Há uma fusão entre a perspectiva científica e uma

64 Outro trecho em que semelhante comparação se faz visível é “[q]uem hoje sobe o Purus não os [indígenas pamaris, juberis, hupurinãs, canamaris, manetenerism pamanás e jamamadis] vê mais como os viram Silva Coutinho, Chandless e Manuel Urbano” (CUNHA, 1995, p. 797).

abordagem literária de matiz romântico<sup>65</sup>, altissonante, o que não se verifica em *La Australia argentina*.

Em sua obra, Payró parece inserir os dados científicos, econômicos e sociais sempre a reboque das opiniões e “causos” expostos de maneira corriqueira e despretensiosa – como é próprio da crônica –, justificando-os. Há ciência, mas há leveza. De modo alternativo, nos ensaios amazônicos euclidianos, há um verdadeiro consórcio entre ciência e arte, que confere uma dimensão universal e profundamente épica<sup>66</sup> aos processos sociais e naturais (SANTANA, 2001). Constrói-se uma elocução retorcida, que se pretende solene. É o que vemos, por exemplo, em todos os ensaios amazônicos de *À margem da História* (CUNHA, 2005) e no seguinte trecho do *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana*:

Porque se realizou ali [*no Alto Purus*], e ainda se realiza, uma vasta seleção natural. Para afoitar-se com o desconhecido não basta o simples anelo das riquezas: requerem-se uma vontade, um destemor estóico, e até uma complexão física privilegiada. **Lá persistem apenas os fortes. E sobrepujando-os pelo número, pelo melhor equilíbrio orgânico de uma aclimação mais pronta, pela robustez e pelo garbo no enfrentarem perigos, os admiráveis caboclos cearenses que revelaram a Amazônia** (CUNHA, 1995, p. 801, *grifos nossos*).

Existe, então, uma íntima confluência entre Romantismo e Cientificismo que se opera ao longo de toda a produção desse engenheiro-escritor, homem de ciência

65 A caracterização de Euclides da Cunha como “romântico” aqui não pretende simplificar o estilo do autor nem vinculá-lo a um rótulo ou escola literária. Pretende-se, antes, sublinhar a presença de uma “sensibilidade romântica” (NAXARA, 2004) na obra euclidiana. Cunha foi “herdeiro da melhor tradição romântica”, segundo o crítico literário Francisco Foot Hardman (2009, p. 66). Roberto Ventura evidencia o papel seminal que autores românticos franceses como o romancista Victor Hugo e o historiador Jules Michelet desempenharam na formação de Euclides e o modo como essas leituras permearam a obra do escritor (VENTURA, 2003, p. 42; GALVÃO, 2009, pp. 89-96). Ventura sustenta que o “romantismo” do escritor e engenheiro se fez presente não só em seus textos como também em sua vida. É o que teria levado Cunha a adotar “atitudes extremadas e gestos arrebatados, com atos de heroísmo e abnegação, em que colocou a defesa de princípios éticos e de crenças políticas acima dos interesses pessoais” (VENTURA, 2003, p. 42).

66 Para Walnice Nogueira Galvão, crítica literária e grande referência nos estudos da obra euclidiana: “[o] longo texto que constitui Os Sertões pertence ao gênero épico na medida em que se realiza como uma narrativa em prosa. Seu segundo elemento de gênero, pela ordem de predominância, é o dramático, ao qual devemos o pathos do livro em registro apreciável e em vários níveis de elaboração de conflitos. Estes vão desde o ‘martírio secular da Terra’ – fundando a analogia com o martírio da vegetação, do sertanejo e dos canudenses finalmente – até a exasperação dos oximoros e a matéria propriamente da guerra” (GALVÃO apud CUNHA, 2016 pp. 629-630).

e de letras (NAXARA, 2004); desse pensador que se vinculava a correntes teóricas deterministas, mas que também era poeta de gosto romântico<sup>67</sup>:

Romântico, do romantismo carregado e desabrido de Victor Hugo e Alfred Musset, ele [*Euclides da Cunha*] estende seu culto ao determinismo mais obstinado, de Comte, Spencer e Gumpowicz. Seu espírito se identifica com os dois pontos extremos mais distantes do espectro cultural de sua época. (...) Eram dois tempos, duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: o século XIX, literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista (SEVCENKO, 2003, pp. 158-159).

Dessa forma, de acordo com Antonio Candido, o cientificismo de Euclides da Cunha ganhava uma dimensão peculiar, própria, desviante em relação ao pensamento de alguns dos expoentes do Determinismo:

Em Ratzel, ou em Buckle, não há tragédia: há jogo mútuo quase mecânico entre o homem e o meio. Em Euclides, porém, seu discípulo, podemos falar de sentimento trágico, porque nele as determinantes do comportamento humano, os célebres *fatores* postos em foco pela ciência, no século XIX, são tomados como as grandes forças sobrenaturais, que movimentam as relações dos homens na tragédia grega (CANDIDO, 2002, p. 182, *italico do autor*).

### **As personagens patagônicas em Payró e as amazônicas em Euclides**

Nota-se que nos textos amazônicos de Euclides, essas dimensões trágicas, dramáticas e épicas estão ligadas não a indivíduos específicos, mas a grupos sociais como um todo. Os protagonistas da obra de Cunha sobre a Amazônia são atores sociais em sua coletividade: os seringueiros, os proprietários dos seringais, os caucheiros<sup>68</sup> peruanos, entre outros. Tal como em relação aos sertanejos de *Sertões*, Euclides raramente se debruça sobre personagens individuais em separado. Suas análises sempre giram em torno de atores sociais essencializados, genéricos, quase como tipos ideais weberianos. Desse modo, o autor não pretende narrar a miséria de um ou outro seringueiro que ele viu ou com quem conversou no Acre, mas antes os sofrimentos de todos os seringueiros e dos seringais como

67 Cunha era grande admirador de Castro Alves, tendo proferido, em 1907, palestra sobre o poeta romântico baiano junto ao Centro Acadêmico XI de Agosto, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo (FOOT HARDMAN, 2009, p. 60).

68 “Caucheiros” eram os trabalhadores que extraíam látex do caucho – *Castilloa ulei* –, principal espécie vegetal utilizada na produção da matéria-prima da borracha no Peru. Em diversas passagens, Euclides da Cunha usa o termo “caucheiros” para se referir aos proprietários peruanos de cauchais. Tal como os padrões brasileiros nos seringais, Euclides também critica a feroz exploração que esses proprietários impunham aos trabalhadores locais. Particularmente, em relação aos proprietários peruanos de cauchais, Cunha critica sua violência contra os povos nativos (HEMMING, 2009, pp. 361-391).

um todo<sup>69</sup>. Todos os pungentes dilemas e anseios dessas populações são representados e projetados na figura coletiva *do* seringueiro, que recebe uma grande atenção de Euclides. O viajante discute a fundo suas condições de trabalho, seu isolamento social, sua adaptação ao meio acreano. Existe aí, portanto, um intuito de investigação sociológica, como em *Os Sertões*.

Essa forma de descrição de Euclides estabelece uma clara disparidade com a de Payró sobre a Patagônia<sup>70</sup>. No autor argentino, temos apenas uma apresentação distanciada de personagens particulares concretas e existentes que, embora sejam representativas de grupos sociais – como os povoadores patagônicos –, não os personificam como um todo. São personagens individualizadas – por vezes até com nome e sobrenome –, mas planas (WOOD, 2012, pp. 109-111). Elas não ocupam o centro da narrativa, que é reservado à figura do narrador-viajante. As personagens desempenham, de maneira geral, duas funções: em primeiro lugar, a de exemplificar as mazelas da região ou fornecer, como fontes jornalísticas, informações sobre ela; e em segundo, proporcionar a “cor local” de uma narrativa *costumbrista*.

Em diferença, Euclides da Cunha, em ensaios como “Entre os seringais” (CUNHA, 1995, pp. 558-560) e “Judas Asvero” (CUNHA, 2000, pp. 173-180), incide de maneira mais densa sobre a figura do seringueiro, suas amarras jurídicas, sua psicologia, o ambiente que o cerca e o oprime. Há, nesses dois ensaios, uma particular incorporação de um ponto de vista psicológico das personagens dos seringueiros na descrição feita em terceira pessoa por Euclides da Cunha. Em “Entre os seringais”, é descrito o labiríntico percurso para abertura de seringais, detalhando-se as adversidades que se apresentam a cada etapa. Já em “Judas Asvero”, condensam-se os sentimentos de escapismo e expiação dos sofrimentos

69 O mesmo se dá em relação à natureza. Euclides tende a não tomar o ambiente como uma mera sucessão de diferentes paisagens, mas como um meio físico a ser analisado como uma integralidade, a partir do arsenal teórico cientificista, mobilizando Geologia, Botânica, Hidrologia, entre outras ciências. Assim, no que tange às questões ambientais, onde Payró apenas comenta, Cunha quer explicar.

70 Uma hipótese explicativa para essa diferença de abordagens é o fato de Euclides ter nutrido um grande e continuado fascínio pela temática amazônica, ao passo que o interesse de Payró pela Patagônia parece ter sido mais circunstancial. Após o lançamento de *La Australia argentina*, em 1898, se engajou em diversos outros projetos jornalísticos e literários, retomando a temática patagônica somente uma década depois, com o conto “Un pioneer em Tierra del Fuego”, que sintetiza – a partir de um enredo que pode ser considerado didático – as observações e pontos de vista de Payró já expressos em *La Australia argentina* (ANDERMANN, 2000, p. 73).

vivididos pelos seringueiros a partir de uma catártica cerimônia de Malhação do Judas num Sábado de Aleluia no Acre.

Ao descrever a empenhada preparação do boneco de Judas por parte de um seringueiro, o narrador de Euclides interioriza a visão desse trabalhador, imiscuindo-se na crença e nos sentimentos dele em relação ao ritual:

E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, **vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante...** (...) Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais comovedor do que o *parla!* ansiosíssimo, de Miguel Ângelo; arranca o seu próprio sobretudo; atira-o à cabeça de Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, **vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra do seu próprio pai.** (...) **É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vingá-se de si mesmo** (CUNHA, 2000, p. 176, *itálico do autor, grifos nossos*).

Temos nesse trecho um esforço de criação de interioridade que inexistente em *La Australia argentina*. Nesse sentido, pode-se ver nos escritos amazônicos do engenheiro Cunha uma construção literária de personagem mais rica e complexa do que no relato patagônico do dramaturgo Payró. Como sugere o crítico literário inglês James Wood em *Como funciona a ficção*:

A chamada onisciência é quase impossível. Na mesma hora em que alguém conta uma história sobre um personagem, a narrativa parece querer se concentrar em volta daquele personagem, parece querer se fundir com ele, assumir seu modo de pensar e de falar. A onisciência de um romancista logo se torna algo como compartilhar segredos; isso se chama estilo indireto livre, expressão que possui diversos apelidos entre os romancistas – “terceira pessoa íntima” ou “entrar no personagem” (WOOD, 2012, pp. 20-21, *itálico do autor*).

### **Considerações finais**

Em síntese, em termos estilísticos, pode-se dizer que os relatos amazônicos de Euclides da Cunha procuram tanto alcançar uma maior cientificidade como operar uma sondagem mais profunda em relação às personagens da região visitada: em especial, os seringueiros, mas também os donos de seringais, os caucheiros e a própria natureza – personificada como agente, na visão determinista do meio como elemento fundante das sociedades humanas. Elegendo tais figuras como protagonistas sobre as quais se esmiúça, Euclides emprega uma elocução

grandiloquente, na qual deixa poucas marcas de primeira pessoa e raras menções à sua experiência pessoal como viajante. Procura realçar seu objeto de estudo e dissimular sua individualidade como observador particular. Cobiça, com isso, reforçar o caráter sociológico e científico de seus escritos.

Em Payró, se dá o contrário. *La Australia argentina* se centra na enunciação em primeiríssima pessoa do narrador-cronista, que entremeia no emaranhado textual o íntimo – comentários sobre seu estado de espírito –, o episódico – a descrição de personagens e paisagens – e o ensaístico – os juízos políticos, econômicos, científicos e sociais sobre a região visitada. Todos esses elementos se sucedem conforme o itinerário da viagem é cumprido e vão sendo amarrados a partir da voz subjetiva do cronista. A tal escritor era franqueada uma ampla liberdade temática, desde que trabalhasse para informar, entreter e cativar um considerável público-leitor – como já era o de um diário grande e moderno como o *La Nación* em 1898.

## Referências

ANDERMANN, Jens. “Reporters en la frontera Periodismo de viaje e imaginación progresista en Payró y Arlt”. Buenos Aires, *El Rodaballo*, año 6, nº 10, verano 2000, pp. 72-77

BUONUOME, Juan. “Los socialistas argentinos ante la ‘prensa burguesa’. El semanario *La Vanguardia* y la modernización periodística en la Buenos Aires de entresiglos”. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”*, Tercera serie, núm. 46, primer semestre de 2017, pp. 147-179

CANDIDO, Antonio. “Euclides da Cunha sociólogo”. In: DANTAS, Vinicius (org.). *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002, vol. II

COLOMBI, Beatriz. *Viaje intelectual: migraciones y desplazamientos en América Latina, 1880-1915*. Rosário: Beatriz Viterbo editoria, 2004



CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (org.). 2ª ed. 2 vol. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v1, 1995

\_\_\_\_\_. *Um paraíso perdido*: reunião de ensaios amazônicos. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. *À margem da História*. 1ª ed. 1909. Rio de Janeiro: ABL, 2005

\_\_\_\_\_. *Os Sertões*. 1ª ed. 1902. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/ Edições Sesc São Paulo, 2016

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e relatos*. Representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos. São Paulo: Intermeios, 2018

GALVÃO, Walnice Nogueira. GALLOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997

\_\_\_\_\_. *Euclidiana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia*: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999

HEMMING, John. *Fronteira Amazônica – A derrota dos índios brasileiros*. São Paulo: Edusp, 2009

JITRIK, Noé. *El fuego de la especie: Socialismo y gracia en Roberto J. Payró*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971

MOGLIANI, Laura. “El costumbrismo en el teatro argentino”. Tese de doutorado. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, 2006.

NAXARA, Márcia Regina Capelani. *Cientificismo e sensibilidade romântica*. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora da UnB, 2004

PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2012.

PAYRÓ, Roberto Jorge. *La Australia argentina: excursión periodística a las costas patagónicas, Tierra del Fuego e Isla de los Estados; con una carta-prólogo de Bartolomé Mitre*. Buenos Aires: Imprenta La Nación, 1898, dos tomos

POMPEU, Ana Carollina Gutierrez. “A construção da Patagônia argentina”. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Brasília, Programa de Pós-graduação em História – PPGHIS. Brasília, 2012.

SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo/Feira de Santana: Hucitec/Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

SARLO, Beatriz. “Prólogo”. In: PAYRÓ, Roberto J. *Obras*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1984.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VALKO, Jennifer M. "Soñar con el futuro. Proyectos inmigratorios para la Patagonia argentina en Teodoro Alemann y Roberto J. Payró". *Iberoamericana*, VIII, 30, 2008, 27-45

VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

VERDEVOYE, Paul. *Costumbres y costumbrismo en la prensa argentina desde 1801 hasta 1834*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1994

WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: EDUSP/Hucitec, 1993.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: CosacNaify, 2012